

## As Três Queridas

Aquelas três raparigas que se encontravam em toda a parte, nos concertos, nas primeiras representações, sempre numa frisa, ou passeando no Píncio ou no Corso, ao pôr-do-sol, uma com a mãe, branca e fatigada, pelo braço, as outras duas à frente, vestidas sempre dum modo um tanto esquisito. Aquelas, sim, aquelas: as irmãs Marùccoli.

Pobres pequenas, depois de tantos sacrifícios, a certa altura perderam a paciência e, juntamente com ela, a estima de quantos, no mesmo caso, não teriam tido a coragem de fazer como elas (digo a coragem, não a vontade). Lembro-me da indignação que causaram, então! Especialmente as mães não podiam conformar-se com o que acontecera, na presença das filhas, e batiam as mãos, cheias de horror, exclamando:

— Que mundo! Que mundo!

E eu, ao ouvi-las, sorria dentro de mim, estudando o ar compungido e transtornado das suas recatadas filhas.

Realmente, vem-nos da sociedade um bom número de leis e regulamentos que deveriam manter a freio este animal mau que se chama homem. Há séculos que a sociedade se esforça por ensinar-lhe a boa educação, fazendo-o dizer, por exemplo: *Bom dia ou boa noite*, a andar na rua decentemente vestido, caminhando sobre duas patas somente, etc., etc. Mas de vez em quando o animal mau faz algum disparate. Então, na dúvida, irritamo-nos contra a sociedade, como se dela nos viesse o prejuízo, só porque quisemos forçá-la a impor à natureza certos deveres que esta, depois, não quer nem reconhecer nem respeitar. Como se uma mulher não pudesse amar um homem que não seja exactamente o seu marido, só porque se lhe mandou dizer pela sociedade que não deve fazê-lo. A sociedade, coitada, di-lo e impõe-no; mas que culpa tem ela, se a natureza se ri daquilo?

Como se vê logo, dizem decerto vocês, que eu não sou casado!

Passemos ao caso das Marùccoli.

Eu queria que, antes de condenar, tentássemos examinar bem, podendo ser, os prós e os contras, sem nos servirmos das palavras que são como as moscas de Agosto, prontas sempre a acudir a cada lágrima e a cada escarro (desculpem).

Vocês não sabem muitas coisas que, à primeira vista, parece que não se devem levar em linha de conta, mas que no entanto têm, ou deveriam ter, o maior peso na balança da justiça.

Não se admirem, portanto, se num dos pratos desta balança eu vier pôr, entre o mais, braçadas inteiras de coisas que ainda me embriagam. Aqui têm: todos estes vestidos velhos das pobres pequenas. Os meus amigos ignoram que saíam das mãos delas estes atavios tão admirados pela sua estranha elegância: a mãe, muito habilidosa, cortava-os, e elas, as três, alinhavam, bordavam, cosiam à mão e à máquina durante dias a fio, como três despreocupadas costureirinhas. E não sabem que, com as rendas e as fitas, penduravam em cada vestido a esperança de que, com aquele, iriam enfim dar nas vistas a alguém que casaria com elas.

A mãe tinha um rendimento muito modesto que o marido lhe deixara (o bom do senhor Carlo Marùccoli, que depois todos reconheceram como um homem de bem: ah, ele sim! porque já tinha morrido, quando se deu o escândalo); e possuíam também uma pequena vinha, com uma graciosa moradia, além da Ponte Molle; mas nem esta nem aquela podiam bastar para suprir a todas as despesas.

A vida que levavam baseava-se, pois, em milagres de economias secretas e sacrifícios encobertos com todas as artes. Estavam sempre alegres, as três queridas pequenas, nem aquele seu ardente e honestíssimo desejo dum marido as tornava nunca enfadonhas, especialmente conosco (quero dizer: comigo e com o pobre do Tranzi), a quem, aliás, reconheciam a boa vontade que teríamos de as tornar felizes, se não houvesse um senão... Este *senão* podem imaginá-lo facilmente: eu, um pobre pintor; Tranzi, maestro de música. Artes belas, não digo o contrário; mas próprias para sustentar uma esposa, não creio.

Jamais alguém, até aí, as julgara *coquettes*. Agora, já se sabe, têm todos os vícios e todos os defeitos. Não me quero arvorar em seu paladino: podem perguntar à vontade aos outros que também frequentavam a sua casa. Quem pode dizer que recebeu um encorajamento delas, mínimo que fosse? Brincávamos, ríamos, tagarelávamos acerca disto ou daquilo, à noite, mas da maneira mais lícita e correcta, como diante de três raparigas que, sendo preciso, saberiam pôr no seu lugar quem quer que

fosse que, da alegria da conversa, se tivesse sentido animado a exceder-se um pouco nos gestos ou nas palavras; e que o saberiam fazer com tacto e com a mais requintada amabilidade.

Mas eu posso dar uma prova de que não eram *coquettes*, à minha custa e à custa do pobre Tranzi. Porque não confessá-lo? Eu estava apaixonado pela segunda; Tranzi pela mais velha, Giorgina. Algumas noites, ao deixarmos a casa delas, conversando entre nós, lamentávamos sinceramente que as três pequenas, bondosas, lindas e amáveis, não conseguissem achar um marido, e, como não podíamos ser nós, para duas delas ao menos, teríamos desejado que fossem outros em condições de o ser e a quem nós apelidássemos de brutos porque, não se sentindo particularmente animados, não se resolviam. Ora bem, Tranzi e eu, mais que uma vez, a um ou outro daqueles rapazes, que se queixava do enfado da sua própria existência ociosa e se declarava cansado da vida, chegámos até a aconselhar, como receita infalível, casar com uma das Marùccoli. Somente, como Irene não gozava de tantas simpatias como as outras duas, eu aconselhava Giorgina; e Tranzi, Carlotta: isto é, eu a sua; e ele a minha.

Mas, com uma ou outra das três, aqueles parvos curar-se-iam decerto do aborrecimento e de todos os outros males, visto que cada uma delas tornaria feliz o seu marido. Um a um, pelo contrário, aqueles tontos, depois de gozarem durante algum tempo a suave companhia delas e de aliciarem talvez, com os seus olhares e com graciosos carinhos, as três raparigas, iam escolher esposa noutra parte; e arrepentiam-se depois.

Eu dava a Giorgina lições de pintura, quando tinha tempo para o fazer. Tranzi ensinava com maior regularidade música e canto a Carlotta. Uma e outra se demonstravam muito agradecidas pelo pouco que por elas fazíamos. Direi mais. Direi também o que outro não diria, com medo do ridículo. Quando, uma noite por outra, apareciam na sala, para nós somente, vestidas com uma *toilette* nova, prontas já para irem ou a casa de famílias amigas ou ao teatro, apercebiam-se as três do desejo que em nós despertavam; e, para o nosso desejo, encoberto, mas transparecendo dos olhos, tinham um sorriso e um olhar indefinível, de comprazimento por elas e de piedade por nós. Irene percebia-o mais do que as outras e corava, confusa; para apagar a sua atrapalhão, perguntávamos com uma graça indizível, olhando para o seu vestido:

— Ficamos bem, assim?

Oh! Eu poderia fazer, a este respeito, um longo discurso sobre o que os olhos dizem, quando os lábios não devem falar. Quando Carlotta, por

exemplo, atendia, quase por escrúpulo de consciência, um ou outro parvo que lhe arrastava a asa com excessiva insistência, muitas vezes, falando com ele, ou sorrindo-lhe, dirigia-me um olhar, e aquele olhar era amorosamente compassivo; dizia-me:

— *Deverias ser tu!*

Sim, posso garantir-vos que os olhos de Carlotta me tratavam por *tu*.

Das três, Carlotta era a mais formosa — pelo menos aos meus olhos, —, Irene a mais inteligente e Giorgina a mais agradável.

O retrato que delas eu pintei, em grupo, é, sem dúvida, a menos má das minhas obras. Expu-lo no Mónaco, já lá vão muitos anos, com o título: *As três queridas*. Foi vendido, e agora já não sei quem o possui nem onde foi parar.

Comigo e com Tranzi, nenhuma hipocrisia, nunca! Quando, no teatro, víamos uma ou outra delas mais radiante que de costume, bastava-nos fazer-lhe um sinal de cabeça, para ela perceber. E o sinal significava:

— Encontraram?

— Não! — respondia a cabecinha, abanando vivamente, de olhos semicerrados e um sorriso garoto nos lábios.

Não encontravam, não encontravam ainda, nunca encontravam, as três queridas pequenas!

Pois bem; um belo dia cansaram-se; perderam a paciência, enfim!

Quem sabe há quanto tempo refreavam dentro de si as impaciências da sua esperança frustrada de contínuo e reprimiam os sinais das suas desilusões! O primeiro sinal que eu pude lobrigar, e que ficou gravado em mim, como num drama, uma frase que deixe vislumbrar a catástrofe, foi naquela manhã em que devíamos ir para a vinha da Ponte Molle, e Giorgina se apresentou, cabisbaixa, a Tranzi, segurando nos dedos um fio de prata, alongado sobre a testa, para o qual os olhos se esforçavam por erguer-se, torcendo-se:

— Tranzi, uma branca!

Já havia ultrapassado os trinta anos. Notara eu que nos últimos tempos se aproximara com desacostumada insistência de Arnaldo Ruffo, um dos mais assíduos visitantes da casa; depois, que, de repente, passara a falar-lhe com despeito não menos desacostumado; e que, por fim, passara a atormentar Tranzi, chicoteando a sua preguiça, dizendo-lhe que não tinha o menor direito de se queixar da injustiça da sorte, visto que já não queria fazer mais nada e nada tentava para fazer valer os seus dotes artísticos. Tinha o esboço duma obra juvenil? Ora bem: porque não o retomava? Porque não se dedicava a qualquer outro trabalho?

Quase com lágrimas nos olhos, o pobre Tranzi então revelou-lhe as secretas misérias da sua vida; disse-lhe, entre outras coisas, que havia um ano se vira forçado a privar-se até do piano, que alugara. Sem mais, então, Giorgina propôs-lhe trabalhar ali, em sua casa, pondo ao seu dispor o piano, do qual poderia servir-se com a maior liberdade: deixá-lo-iam só na sala; a família retirar-se-ia para o lado oposto da casa. Tanto disse e tanto fez que o obrigou a aceitar. Sei que até chegou a fechá-lo à chave na sala; e a chave quem a tinha era ela.

Quem sabe se a descoberta daquele cabelo branco, juntamente a tantos pequeninos nada tristes, sobre os quais até então os olhos se haviam fechado com mágoa, não teriam determinado realmente nela, e por consequência nas irmãs, a rebelião que foi tanto mais violenta quanto mais demorada e paciente fora a esperança, que, de súbito, lhes apareceu vã e irrisória, quase...

Ouvi algumas pessoas culparem a mais velha das Marùccoli do suicídio de Niolo Tranzi. É uma autêntica infâmia. Que culpa teve a pequena Marùccoli, se Tranzi quis fazer-se um remorso da alegria que ela, de repente, na sua revolta contra o tempo perdido na espera vã, e contra a sorte que a condenava a emurcheecer sem amor, lhe quis conceder, deliberadamente, como que um prémio ao longo desejo dele, resignado ao silêncio?

Não, não: Tranzi, conheci-o bem, era demasiado carcomido na sua alma, e não pôde resistir à irrupção sobre ele desta alegria ardentíssima, rebelde a qualquer preconceito. O caruncho de demasiadas decepções roera-o moralmente; contra o choque da felicidade despedaçou-se.

Eu vi-o naquele dia voltar para casa com os olhos vermelhos e inchados: chorara depois, percebem? E é natural que chorasse muito, convencido certamente de que cometera um crime; e a mulher, a rapariga, é natural que o confortasse, o reanimasse, afastando a sombra do remorso, com a qual ele queria embaciar-lhe, naquele momento, o sol da recente alegria. E — quem sabe! — o desânimo por esta cena, no tumulto interior, na súbita dissociação de tantos sentimentos e de tantos pensamentos, talvez contribuisse também para determinar nele o acto violento.

Giorgina Marùccoli não chorou pela sua morte: pelo contrário, sentiu-se ofendida por ela, como por um insulto.

As três irmãs, então, mudaram-se para a linda moradia, na vinha. Por um pudor, mais fácil de entender que de definir, eu, depois da morte de Tranzi, abstive-me de as visitar lá. Já não saberia, pois, dar delas notícias certas. Sei que a moradia continuou a ser muito frequentada, mas